

CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: UM CAMINHO LINGUÍSTICO E PEDAGÓGICO PARA O DESENVOLVIMENTO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA

PHONOLOGICAL AWARENESS: A LINGUISTIC AND PEDAGOGICAL PATHWAY FOR THE DEVELOPMENT OF THE ALPHABETIC WRITING SYSTEM*

Geruza de Araújo Barreto Reis¹
 Fabíola Jerônimo Duarte de Lira²
 Henrique Miguel de Lima Silva³

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo explorar os conhecimentos linguísticos inerentes à consciência fonológica, entendida como requisito primordial para o desenvolvimento do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), uma vez que, à medida que a criança avança em sua consciência fonológica, evolui também em sua hipótese de escrita. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica orientada por autores como Soares (2021), Ferreiro e Teberosky (1999), Alves (2012), entre outros, bem como a análise da Base Nacional Comum Curricular, BNCC (BRASIL, 2018), documento que norteia o currículo nacional. Nesse contexto, buscou-se compreender como ocorre o desenvolvimento da consciência fonológica em consonância com as habilidades do SEA, estabelecendo as conexões existentes e explorando estratégias e possibilidades linguísticas que podem corroborar esse processo pedagógico. A pesquisa, apoiada em vivências didáticas, evidenciou que o estímulo à consciência fonológica por meio de atividades lúdicas, literárias e musicais promove avanços qualitativos e quantitativos na escrita infantil, reforçando a importância da mediação pedagógica intencional e do uso de recursos que valorizem a exploração sonora da língua.

PALAVRAS-CHAVE: Consciência fonológica. Sistema de escritura alfabética. Estratégias linguísticas.

ABSTRACT: The present study aims to explore the linguistic knowledge inherent to phonological awareness, understood as a fundamental requirement for the development of the Alphabetic Writing System (AWS), since, as children advance in their phonological awareness, they also progress in their writing hypotheses. To this end, a bibliographic review was conducted, guided by authors such as Soares (2021), Ferreiro and Teberosky (1999), Alves (2012), among others, as well as an analysis of the Base Nacional Comum Curricular (BNCC, BRAZIL, 2018), a document that guides the national curriculum. In this context, the study sought to understand how the development of phonological awareness occurs in consonance with the skills of the AWS, establishing the existing connections and exploring linguistic strategies and possibilities that may support this pedagogical process. The research, supported by didactic experiences, showed that stimulating phonological awareness through playful, literary, and musical activities promotes qualitative and quantitative advances in children's writing, reinforcing the importance of intentional pedagogical mediation and the use of resources that enhance the auditory exploration of language.

KEYWORDS: Phonological awareness. Alphabetic writing system. Linguistic strategies.

1 Introdução

* Data de Submissão: 03.09.2025 – Data de Aceite: 20.01.2026 | DOI: 10.22478/ufpb.1983-9979.2025v20n2.76101

¹ Mestra em Linguística e ensino (MPLE) Universidade Federal da Paraíba. Email: geruza.reis@hotmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-5813-2602>

² Doutoranda em Linguística pelo Proling – Programa de Pós-Graduação em Linguística –

Universidade Federal da Paraíba. Email: fabiolamf@hotmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5831-143X>

³ Professor do Departamento de Língua Portuguesa e Linguística – Universidade Federal da Paraíba. E-mail: henrique.miguel.91@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1394-9173>

A consciência fonológica tem ocupado lugar central nas pesquisas sobre alfabetização, sobretudo por ser reconhecida como uma habilidade indispensável para a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA). Trata-se da capacidade de perceber, refletir e manipular intencionalmente os sons da fala, possibilitando à criança estabelecer correspondências sistemáticas entre fonemas e grafemas. À medida que essa competência se desenvolve, o aprendiz avança em suas hipóteses de escrita e amplia sua compreensão acerca do funcionamento da língua, alcançando progressivamente maior autonomia como leitor e escritor.

Nesse sentido, diferentes autores, como Ferreiro e Teberosky (1999), Alves (2012) e Soares (2021), ressaltam que a consciência fonológica não pode ser concebida de forma dissociada do processo de alfabetização, mas sim como eixo estruturante de práticas pedagógicas que favoreçam a construção do conhecimento sobre a língua escrita. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, BRASIL, 2018) também reforça essa perspectiva, ao destacar a importância de experiências que articulem alfabetização e letramento, de modo a integrar a reflexão sobre o sistema alfabético às práticas sociais de leitura e escrita.

Nesse percurso, os gêneros literários, as cantigas, os poemas e as atividades lúdicas se configuram como instrumentos pedagógicos de grande potencial, pois permitem explorar de forma significativa a sonoridade da língua e promover experiências estéticas que enriquecem a aprendizagem. Logo, o ciclo de alfabetização deve ser entendido como um espaço privilegiado para a articulação entre o ensino sistemático da leitura e da escrita e o desenvolvimento das habilidades metalinguísticas, entre as quais a consciência fonológica ocupa posição central.

Diante disso, este estudo tem por objetivo refletir sobre o papel da consciência fonológica no processo de aquisição do SEA, discutindo suas etapas de desenvolvimento, as relações com as hipóteses de escrita e as contribuições de práticas pedagógicas fundamentadas em vivências literárias e sonoras. Busca-se, dessa forma, evidenciar que a alfabetização efetiva resulta de um percurso gradual, intencional e mediado, no qual a exploração fonológica da língua se alia à experiência cultural e social proporcionada pela literatura.

Assim, ao final da pesquisa, percebe-se que o investimento em práticas pedagógicas que estimulam a consciência fonológica constitui um caminho linguístico e pedagógico sólido para o desenvolvimento do Sistema de Escrita Alfabética. Tais práticas contribuem não apenas para o progresso técnico da escrita, mas também para a formação de leitores e escritores críticos, autônomos e capazes de refletir sobre a língua, evidenciando que a alfabetização efetiva é fruto de um processo gradual, intencional e mediado por estratégias pedagógicas contextualizadas e significativas.

2 A consciência fonológica e suas habilidades linguísticas

Podemos ouvir com muita frequência por parte de estudiosos e profissionais da área educacional sobre a importância de desenvolver a consciência fonológica de nossas crianças no cotidiano das escolas, como requisito imprescindível para a aquisição das habilidades inerentes à alfabetização. De acordo com a BNCC (BRASIL, 2018), documento normativo de base nacional que direciona o currículo das escolas públicas e particulares, a alfabetização consiste num longo processo onde o educando estabelece conexões fono-ortográficas, tornando-se capaz de compreender e utilizar a nossa língua, tanto na escrita como também na leitura, ou seja, refere-se a uma ação de grande complexidade linguística que exige muita reflexão entre o som e o código escrito.

Diante desse direcionamento documental, reafirmamos a importância de estimular o desenvolvimento das habilidades fonológicas dos nossos estudantes pertencentes ao ciclo de alfabetização, que corresponde às turmas de 1º e 2º ano dos Anos Iniciais, como também preconiza o referido documento, em prol da aquisição da tão almejada alfabetização, que se

refere às habilidades de ler e escrever. Nesse sentido, precisamos nos debruçar sobre a compreensão do que é a consciência fonológica e quais as suas habilidades linguísticas.

De acordo com Soares,

Essa capacidade de refletir sobre os segmentos sonoros da fala é o que se denomina consciência fonológica: a capacidade de focalizar e segmentar a cadeia sonora que constitui a palavra e de refletir sobre seus segmentos sonoros, que distinguem por sua dimensão: a palavra, as sílabas, as rimas, os fonemas (SOARES, 2021, p. 77).

Dessa maneira, a capacidade de refletir sobre a língua, manipular conscientemente as unidades sonoras e elaborar hipóteses fonológicas oferece aos estudantes um amplo leque de possibilidades linguísticas. Entre essas possibilidades, destacam-se a habilidade de remover, substituir ou acrescentar sons em diferentes posições da palavra (iniciais, mediais ou finais), a continuidade de sequências por meio de aliterações ou rimas, bem como a identificação de palavras dentro de outras palavras, entre tantas outras operações. Conforme apontam Alves (2012) e Soares (2021), tais competências desempenham um papel central no processo de alfabetização, uma vez que, à medida que o educando avança em sua consciência fonológica, amplia também sua capacidade de formular e amadurecer hipóteses de escrita.

Considerando que a consciência fonológica abrange um conjunto diversificado de habilidades, é possível identificar diferentes etapas em seu processo de desenvolvimento. Essas etapas têm início muito precocemente, podendo emergir tanto no ambiente familiar, quando este se mostra favorável e estimulante, quanto na educação infantil, primeira etapa da Educação Básica. Nesse contexto, o desenvolvimento ocorre de maneira lúdica e espontânea, favorecido por brincadeiras, jogos e canções especialmente voltados para esse público, os quais promovem a exploração dos sons da língua e contribuem para a formação das bases necessárias ao processo de alfabetização.

Percebemos que inicialmente não há correspondência sonora diante dos registros escritos das crianças, e após um longo processo linguístico que exige constantes intervenções pedagógicas condizentes, com base nos atos de refletir e manipular os sons da nossa língua, ela começa a dominar sons isolados, fazendo correspondências grafofonêmicas, tornando-se assim, alfabetizada. Conforme Alves (2012, p. 32), “a consciência fonológica, então, caracteriza-se por uma grande gama de habilidades que, justamente por serem distintas e por envolverem unidades linguísticas também diferenciadas, revelam-se em momentos específicos da maturação da criança”.

Sendo assim, salientamos que o desenvolvimento da consciência fonológica além de ser amplo e envolver diferentes habilidades linguísticas a respeito da língua, está em consonância com a maturidade cognitiva de cada criança, que sem dúvidas, necessita de intervenção pedagógica propícia para continuar ampliando suas percepções e compreensões a respeito da língua materna e suas complexidades.

Nesse sentido, tendo em vista que inicialmente não há correspondência sonora diante do ato de grafar, e a medida em que o desenvolvimento da consciência fonológica vai sendo adquirido, as hipóteses de escrita vão sendo ampliadas e consolidadas, respaldados por Alves (2012) e Soares (2021), reafirmamos que existem alguns níveis de consciência fonológica e que eles se referem às diferentes formas de segmentar as palavras em pequenos fragmentos.

Sobre esses níveis, Soares afirma que,

inicialmente, a criança aprende que a palavra é uma cadeia sonora representada por uma cadeia de letras, e compreende a diferença entre o significante e o significado - *consciência lexical*. Em seguida, a criança torna-

se capaz de segmentar a cadeia sonora da palavra em sílabas, e representa as sílabas por conjuntos de letras - *consciência silábica*. Finalmente, ela identifica fonemas nas sílabas e os representa por letras - *consciência fonêmica* (SOARES, 2021, p. 78).

Portanto, verifica-se que existem três distintos níveis de consciência fonológica, níveis esses que vão sendo adquiridos gradativamente, de acordo com a evolução e a maturação linguística de cada criança. À medida que essa evolução sonora vai acontecendo a partir das ações didáticas objetivas, estruturadas e organizadas para este fim, concomitantemente, a aquisição do Sistema de Escrita Alfabética vai sendo ampliada e aprofundada.

O primeiro nível, chamado de consciência lexical, corresponde ao momento em que a criança inicia a sua compreensão com relação ao significado das palavras, percebendo que elas correspondem a um conjunto de sons que são representados por meio de letras, no entanto, não existe uma relação sonora perante os seus registros, começando a diferenciar o significante do significado. Porém, para as crianças que não dominam essa habilidade, ou seja, que a escrita representa o objeto, é preciso explorar as palavras e os seus significantes, levando-as a compreender que o tamanho da palavra não se refere a sua representação, mas sim aos seus componentes sonoros.

Tendo em vista que no referido nível a criança não consegue fazer associações grafofonêmicas e não lê os seus registros escritos, a sua escrita é denominada de hipótese “pré-silábica”⁴. Nessa fase, Soares (2021) ressalta que as atividades que exploram as rimas e as aliterações presentes nos jogos e nos textos da esfera literária que pertencem ao universo infantil, bem como explorar as palavras dentro dos textos trabalhados, tendo em vista que ele é um recurso didático imprescindível no ciclo de alfabetização, são estratégias pedagógicas de suma importância para o desenvolvimento e ampliação das habilidades sonoras. Nesse sentido, trabalhar com esses conhecimentos linguísticos e pedagógicos se configura como uma estratégia promissora para que as crianças evoluam para o nível seguinte.

O segundo nível, denominado de consciência silábica, refere-se ao momento em que há uma percepção das sílabas dentro da palavra falada, e com relação a escrita, é muito comum encontrarmos o registro de uma letra para cada som percebido, que de início podem ser representados sem valor sonoro, sendo nomeado de “silábica sem valor sonoro”⁵ e posteriormente, diante das intervenções didáticas ancoradas na compreensão e na percepção sonora, as crianças passam a representar uma letra para cada sílaba, contendo valor sonoro, momento em que a escrita passa a ser classificada como “silábica com valor sonoro”⁶. No tocante a leitura do que foi escrito, ainda não é possível, já que nessa fase o ato de ler ocorre mediante o auxílio das imagens. Segundo Soares,

A criança escreve silabicamente, mas não é capaz de ler uma escrita silábica com valor sonoro, ainda que produzida por ela mesma, se não tiver o apoio da figura. Para avançar para a escrita alfabética, a criança precisa avançar em sua consciência fonológica, para que se torne capaz de identificar todos os fonemas das sílabas, o que depende do desenvolvimento da consciência fonêmica e da aprendizagem das relações fonemas-letras [...] (SOARES, 2021, p. 101/102).

4 Primeiro nível de escrita, de acordo com Ferreiro e Teberosky(1999).

5 Nível de escrita, em que uma letra equivale a uma sílaba, sem correspondência sonora, segundo Ferreiro e Teberosky(1999).

6 Nível de escrita, em que uma letra corresponde a um som, contendo relação sonora entre som e grafia, conforme salienta Ferreiro e Teberosky(1999).

Portanto, para que as crianças permaneçam evoluindo em suas hipóteses de escrita, faz-se necessária também a ampliação do desenvolvimento de sua consciência fonológica, já que essas habilidades são indissociáveis. Nesse sentido, a didática do professor alfabetizador diante desse processo linguístico é crucial. Por esse motivo, Soares (2021, p. 89) enfatiza que, “além de jogos, atividades com parlendas, cantigas de roda ou poemas - sempre o texto como centro - oferecem oportunidades de desenvolver a consciência fonológica por meio de rimas, já que em geral são gêneros de textos rimados”. Sendo assim, com o uso dos jogos que exploram essas habilidades, dos textos de natureza literária, incluindo outras ações pedagógicas desafiadoras, a criança chegará ao último nível de consciência fonológica.

E por fim, o terceiro nível, nomeado de consciência fonêmica, consiste no momento em que a criança consegue fazer associações entre o som e a escrita. No entanto, inicialmente ocorre uma transição, pois ora ela escreve silabicamente, ora alfabeticamente, tendo sua escrita classificada de hipótese “silábica-alfabética”⁷. Posteriormente, por meio das intervenções, consegue fazer as correspondências grafofonêmicas, estabilizando assim a sua escrita alfabética e desprezando a representação silábica, a qual chamamos de hipótese “alfabética”⁸.

No tocante à relação linguística existente entre a consciência fonêmica e o domínio do princípio alfabético, Soares enfatiza que

há uma relação de interação, de influência recíproca, entre consciência fonêmica e aprendizagem do sistema de escrita alfabética. É a representação dos fonemas por letras que, tornando visíveis palavras sonoras, suscita a sensibilidade fonêmica. Essa, por sua vez, leva à compreensão das relações entre letras e fonemas – leva à consciência grafofonêmica (SOARES, 2021, p. 124).

Diante disso, podemos afirmar que o domínio do sistema de escrita alfabética não é uma aquisição mecânica, mas, sem dúvida, um domínio linguístico complexo, que ocorre por meio de situações didáticas que estimulem e desenvolvam a consciência fonêmica. Esse processo exige a mediação intencional do professor alfabetizador, o uso de recursos lúdicos e textuais que valorizem a exploração sonora da língua e a promoção de práticas significativas de leitura e escrita, possibilitando à criança avançar gradativamente em suas hipóteses e consolidar, de forma reflexiva e autônoma, o princípio alfabético.

3 A aquisição do sistema de escrita alfabética em consonância com o desenvolvimento da consciência fonológica

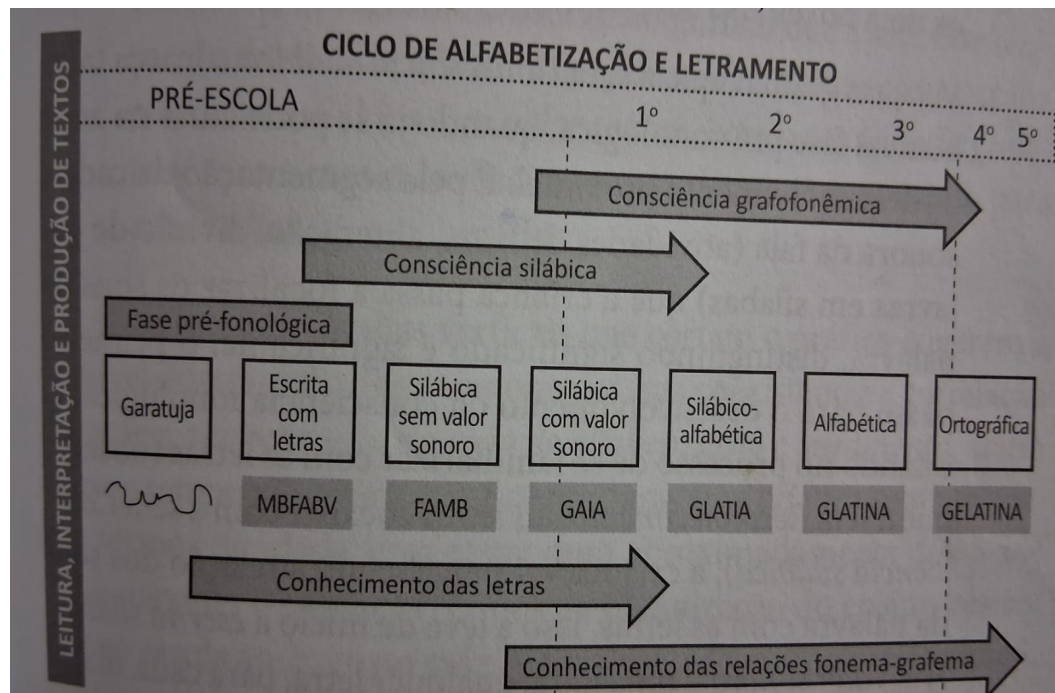
Tendo em vista a existência de três níveis de desenvolvimento da consciência fonológica e que eles ocorrem em diferentes momentos, em virtude da maturação de cada criança em seus aspectos cognitivos e linguísticos, e na medida em que há avanços na consciência fonológica, ocorre também a evolução das hipóteses de escrita na infância, faremos uma análise partindo da imagem a seguir, explorando essa relação entre tais habilidades linguísticas.

Figura 1: Relação Linguística entre Consciência Fonológica e o SEA

7 Penúltimo nível de escrita, em que ocorre uma transição entre a escrita silábica e a alfabética, de acordo com Ferreiro e Teberosky (1999).

8 Último nível de escrita, que consiste no momento em que o estudante estabelece correspondência entre

os fonemas e os grafemas, segundo Ferreiro e Teberosky (1999).



Fonte: Soares (2021, p. 137)

Inicialmente, observa-se de forma evidente que as práticas de leitura, interpretação e produção de textos configuram-se como ações pedagógicas essenciais a serem trabalhadas desde a Educação Infantil, respeitando as peculiaridades de cada etapa educacional. Tais práticas devem estabelecer uma relação constante entre alfabetização e letramento, integrando, nesse percurso, o trabalho com a exploração dos sons da língua. Esse movimento contribui diretamente para o desenvolvimento da consciência fonológica, que, por sua vez, constitui requisito fundamental para a aquisição do Sistema de Escrita Alfabética (SEA).

Em seguida, contemplamos a fase pré-fonológica, que se refere ao momento em que não há correspondência sonora diante do ato de escrever. Nesse sentido, a representação dos registros escritos se caracteriza por garatuja e pelo uso de letras aleatórias que fazem parte do seu repertório linguístico, que ainda é pequeno, sem nenhuma correspondência sonora, caracterizando uma escrita de hipótese pré-silábica, pois antecede a hipótese silábica.

Dando continuidade, nos deparamos com a consciência silábica que muitas vezes têm início na fase pré-fonológica. Momento em que a criança começa a perceber que uma sílaba representa um som, podendo ser registrado por uma letra, resultando na hipótese silábica. Essa hipótese é subdividida em silábico sem valor sonoro, e silábico com valor sonoro, ambas registrando um grafema para cada fonema, porém, na primeira não há correspondência sonora, e na segunda, há. É nítido que nessas fases, ocorre o reconhecimento das letras, o que favorece para a ampliação do repertório do código linguístico e, que essas competências geralmente envolvem crianças pequenas, que estão inseridas na Educação Infantil.

Posteriormente, visualizamos a consciência grafofonêmica que tem início no nível de escrita classificado como silábico com valor sonoro, seguindo para hipótese silábico-alfabético, que corresponde num período de transição entre o silábico e o alfabético, pois ora a criança escreve silabicamente, ora alfabeticamente, até que de fato a escrita se torne alfabética, ou seja, seus registros escritos tenham relações grafofonêmicas.

E para finalizar, Soares vem fortalecer os posicionamentos da BNCC (Brasil, 2018), ao enfatizar que o domínio ortográfico nem sempre se faz presente numa escrita de característica

alfabética, pois envolve outras competências linguísticas que devem ser trabalhadas gradativamente nas etapas seguintes.

Sem dúvidas, dominar o princípio alfabético não é uma tarefa simples aos olhos de uma criança em processo de alfabetização, na verdade é um longo percurso que exige uma ampla e complexa compreensão a respeito do funcionamento da nossa língua. Nesse percurso, Ferreiro e Teberosky (1999) ressaltam a existência de cinco níveis distintos em que as crianças vão evoluindo em suas hipóteses de escrita, que por sua vez, estão em consonância com o desenvolvimento da consciência fonológica, de acordo com Soares (2021).

Nesse sentido, com o intuito de compreender de maneira mais clara e objetiva sobre o funcionamento do SEA, suas características linguísticas e classificação, apresentaremos a seguir uma tabela contendo uma síntese explicativa, objetivando um melhor entendimento em torno desse processo linguístico.

Tabela 1 – Síntese do SEA

NÍVEIS DE ESCRITA	CARACTERÍSTICAS COGNITIVAS E LINGUÍSTICAS	CLASSIFICAÇÃO DA HIPÓTESE
Nível 1	Uso de rabiscos, desenhos e garatujas.	Pré-silábico
Nível 2	Uso de letras sem nenhuma correspondência sonora.	Pré-silábico
Nível 3	Representação de uma letra para cada sílaba, onde inicialmente não apresenta correspondência sonora, mas depois, sim.	Silábico
Nível 4	Período de transição entre o silábico e o alfabético, onde ora escreve silabicamente, ora alfabeticamente.	Silábico-alfabético
Nível 5	Domínio grafofonêmico, ou seja, associação entre os fonemas e os grafemas.	Alfabético

Fonte: Reis (2023)

4 Procedimentos metodológicos

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva de caráter qualitativo, com elementos de abordagem quantitativa, voltada para analisar o desenvolvimento da consciência fonológica e sua relação com a aquisição do Sistema de Escrita Alfabética (SEA). A pesquisa se deu por meio de uma vivência didática realizada em uma turma do 2º ano dos Anos Iniciais da Educação Fundamental, segunda e última etapa do Ciclo de Alfabetização, conforme preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, BRASIL, 2018). Participaram 15 estudantes, com idades entre 7 e 8 anos, da Escola Municipal Aruanda, pertencente à Rede Municipal de Ensino de João Pessoa, PB. No diagnóstico inicial, dois estudantes apresentavam escrita em nível pré-silábico, três em nível silábico-alfabético e dez com escrita alfabética.

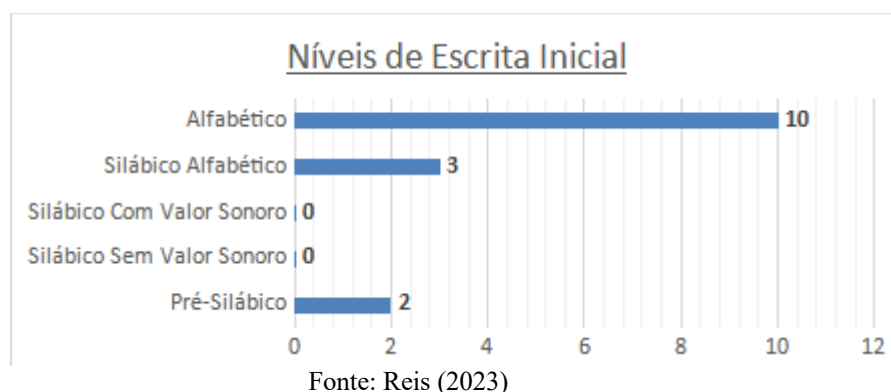
A vivência didática foi conduzida ao longo de seis encontros distintos, contemplando atividades planejadas para estimular a percepção sonora, a reflexão fonológica e o desenvolvimento das habilidades linguísticas relacionadas ao SEA. Foram realizadas leituras compartilhadas de livros infantis, como *Meu nome é Zé, e seu qual é?* e *A casa de minha avó*, interpretação de textos poéticos e músicas, como poemas de Sônia Miranda e a canção *Gente tem sobrenome* de Toquinho, com ênfase em rimas, aliteraões e fonemas isolados. Também foram aplicadas dinâmicas de manipulação de sons e grafemas, incluindo identificação de fonemas iniciais, médios e finais, troca de letras em palavras e decomposição de palavras em unidades menores, além de atividades de produção escrita, nas quais os estudantes registraram oralmente e por escrito novas palavras, frases e poemas, de acordo com a percepção sonora trabalhada nas atividades anteriores.

O desenvolvimento das hipóteses de escrita foi monitorado por meio dos registros escritos individuais, permitindo uma análise quantitativa do progresso nos níveis de escrita (pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético) e uma análise qualitativa das estratégias fonológicas, da autonomia na produção escrita e da ampliação da percepção sonora. Todos os procedimentos foram conduzidos em conformidade com as normas éticas da pesquisa educacional, garantindo consentimento dos responsáveis, anonimato e respeito à individualidade de cada estudante.

Dessa forma, a metodologia adotada combinou intervenções pedagógicas intencionais, exploração de gêneros literários, atividades lúdicas e análise de registros escritos, com o objetivo de fomentar o desenvolvimento da consciência fonológica e, conseqüentemente, a evolução do Sistema de Escrita Alfabética em crianças do ciclo de alfabetização.

O objetivo central dessa vivência consistiu em ampliar o desenvolvimento da consciência fonológica dos alunos e, conseqüentemente, contribuir para a evolução de seu sistema de escrita alfabética, considerando que o diagnóstico inicial revelou a presença de estudantes que se encontravam em um nível de escrita elementar para a sua série-idade, conforme apresentado no gráfico a seguir.

Figura 1: Níveis de escrita



Diante deste recurso, percebe-se a existência de duas crianças cuja escrita é compreendida como pré-silábica, isto é, não consegue fazer correspondência sonora diante de seus registros escritos, de acordo com Ferreiro e Teberosky (1999) e Soares (2021). Temos três, na hipótese silábica-alfabética, conseguindo representar alguns grafemas em conformidade com os seus fonemas, mas que ainda se faz presente os registros de características silábicas, e dez com uma escrita classificada como alfabética, pois dominam as correspondências entre os fonemas e seus respectivos grafemas, conforme ressalta as autoras e obras já citadas.

5 Descrição da vivência

A partir dos dados apresentados anteriormente, o objetivo da ação foi estimular o desenvolvimento da consciência fonológica com o intuito de ampliar as habilidades inerentes ao SEA, em curto prazo, tendo em vista a turma em questão. O referido trabalho baseou-se nos pressupostos teóricos de Soares (2021), Alves (2012), Ferreiro e Teberosky (1999) e da BNCC (BRASIL, 2018), acerca da aquisição dessas habilidades linguísticas diante do processo de alfabetização e da correlação existente entre elas, numa abordagem quantitativa.

Com a finalidade de verificarmos a potencialidade dos gêneros da esfera literária como uma ferramenta didática promissora para o desenvolvimento da consciência fonológica, vivenciamos uma sequência de ações linguísticas e pedagógicas por meio da literatura infantil e de textos poéticos, por acreditar que eles podem despertar a sensibilidade auditiva das crianças por meio da ludicidade e da musicalização, que são recursos imprescindíveis na metodologia do universo infantil, e ao mesmo tempo, proporcionar vivências atrativas para aqueles estudantes que encontram-se no nível de escrita desejável, estimulando outras habilidades e potencialidades.

Para corroborar com o nosso posicionamento, Soares nos respalda, através de uma tabela contendo os gêneros propícios para a leitura no ciclo de alfabetização, que:

Textos poéticos, para crianças no ciclo de alfabetização, são, por um lado, jogos linguísticos, brincadeiras com as palavras e os sons delas, por outro lado, incentivo para a percepção do mundo estética, emotiva. Poemas nesta fase não são para analisar, mas para apreciar, memorizar, cantar, recitar, perceber o jogo dos sons e dos sentidos das palavras (SOARES, 2021, p.212).

Portanto, reconhecendo a sua importância, utilizamos os gêneros dessa natureza como requisito para o estudo das nuances da língua, proporcionando aos educandos uma intensa reflexão e manipulação dos sons, estimulando o desenvolvimento da consciência fonológica e, concomitantemente, ampliando as suas percepções linguísticas diante do ato de escrever.

A referida vivência teve início com a leitura compartilhada do livro: *Meu nome é Zé, e seu qual é?*⁹, da professora Cíntia Pontes, por meio de material produzido em powerpoint para facilitar a visualização das crianças. Em seguida, mediante uma conversa informal e a interpretação oral, fomos elencando as palavras que terminam da mesma forma, ou seja, que rimam, como por exemplo: Zé, é, Jacaré, Dedé, dentre outras possibilidades apresentadas pelo referido livro. Posteriormente, fomos criando rimas de acordo com os nomes das crianças,

⁹ Material produzido a partir do link:
https://www.youtube.com/watch?v=Frtzic_DqTE&feature=youtu.be

estimulando assim, a percepção sonora, habilidade tão crucial para o desenvolvimento da consciência fonológica.

Figura 2: Leitura compartilhada



Fonte: Reis (2023)

No segundo momento, trabalhamos com a música de Toquinho: Gente tem sobrenome¹⁰, por entender que a música em questão nos oferece oportunidades para explorar outras habilidades. Ressaltamos que a utilizamos tanto por meio do vídeo no Youtube, como também da letra da música através de material produzido em powerpoint, para que os estudantes pudessem visualizar a escrita.

Figura 3: Explorando a letra da música e suas possibilidades linguísticas



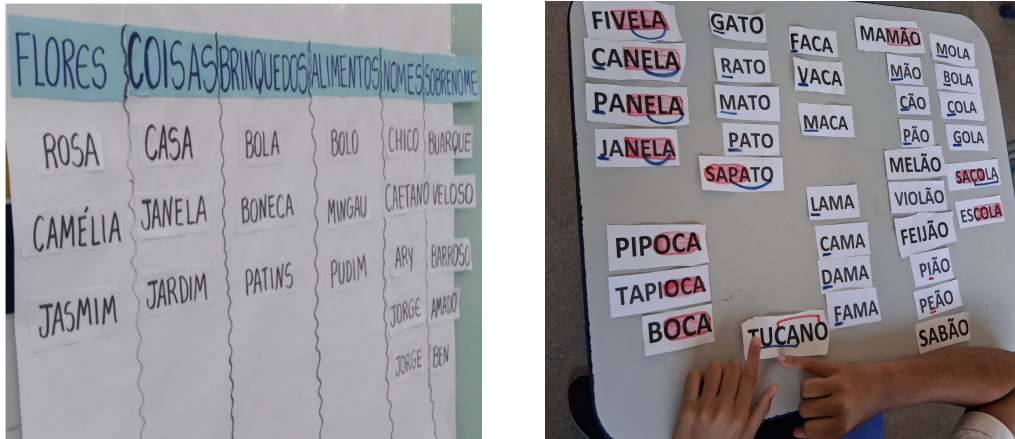
Fonte: Reis (2023)

Dando continuidade, trabalhamos alguns nomes que apareceram na música, montamos um cartaz e exploramos os sons das palavras, identificando os sons iniciais, mediais e finais. Em seguida, utilizamos fichas contendo nomes de coisas, animais, alimentos, brinquedos, que eram constituídos por palavras que possuíam o mesmo som final, ou seja, a rima, como melão, mamão, feijão pão, pião, e ao mesmo tempo, palavras com possibilidades para fazer a dinâmica da troca de letra. como: rato, pato, gato, janela, panela, dentre outras, estimulando também a percepção do fonema isolado, que consiste numa habilidade tão importante para a estabilização

10 Vídeo e material produzidos a partir do link:
<https://www.youtube.com/watch?v=hj6-fa4UI-k&feature=youtu.be>

de uma escrita alfabética. E até mesmo palavra dentro de outra palavra como: sacola (saco\cola), sapato (sapa\pato).

Figura 4: Explorando a consciência fonológica



Fonte: Reis (2023)

No terceiro momento, utilizamos o poema de Francisca Lemos: Minha história de vida¹¹. Para a composição do mesmo, formamos sete pequenos grupos, onde cada grupo recebeu uma estrofe, e juntos montamos o texto em um cartaz, fizemos uma leitura coletiva, e em seguida, fomos identificar as rimas presentes, incluindo a localização da palavra escondida em outra palavra. Dando continuidade, fizemos a apresentação de um material em powerpoint, reforçando a habilidade de identificar e construir novas rimas, e em seguida, as crianças foram estimuladas e desafiadas a escrever novas palavras de acordo com o som final apresentado.

Figura 5: Composição e estudo de poema



Fonte: Reis (2023)

No quarto momento, fizemos a leitura do livro de Manoel Cavalcante: A casa de minha avó, que traz consigo uma narrativa ampla por meio dos versos, uma característica que nos

¹¹ Material produzido por meio do link: <http://www.palavrinhass.org/2017/11/minha-historia-de-vida.html>

possibilitou estudar as sutilezas da língua materna através das semelhanças entre a composição silábica das palavras, incluindo o ato de trocar letras iniciais e de encontrar palavra dentro de palavra, que se configuram como ações que envolvem a reflexão e a manipulação dos sons da nossa língua, contribuindo, conseqüentemente, com o processo de alfabetização (SOARES, 2021). Em seguida, os estudantes foram convidados e estimulados a registrar memórias da casa da sua avó.

Figura 6: Leitura compartilhada

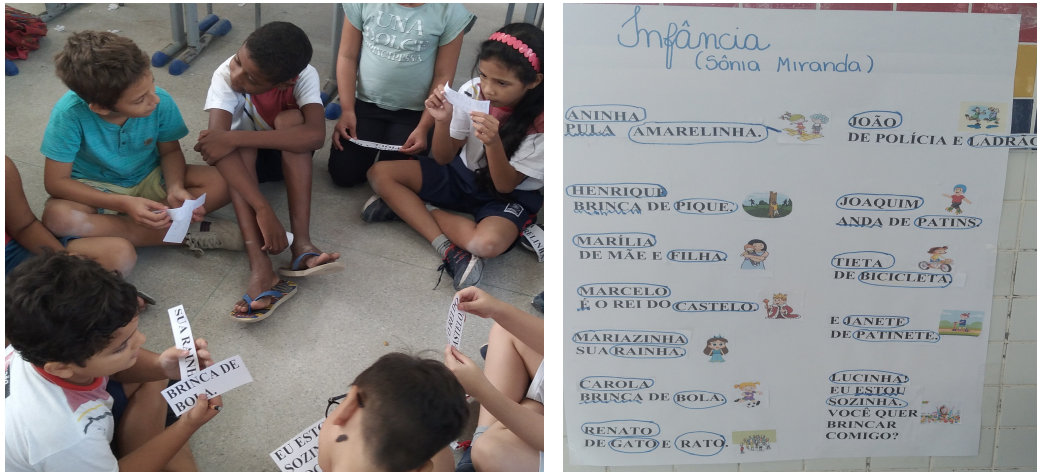


Fonte: Reis (2023)

No quinto momento, fizemos a leitura compartilhada do livro de Ana Maria Machado: *Quem sou eu?*¹² Um livro que interage com o leitor, ao mesmo tempo em que é constituído pela composição de palavras que possuem estruturas silábicas semelhantes, possibilitando a exploração das unidades sonoras das palavras. Tendo em vista a compreensão da leitura que se refere à criança e o que ela mais gosta de fazer, que é brincar, em seguida, montamos coletivamente por meio das rimas, o poema **Infância**, de Sônia Miranda e exploramos as possibilidades fonológicas diante dele, concluindo com uma atividade escrita para estimular o desenvolvimento do SEA e seus desdobramentos.

Figura 7: Construção e estudo de poema

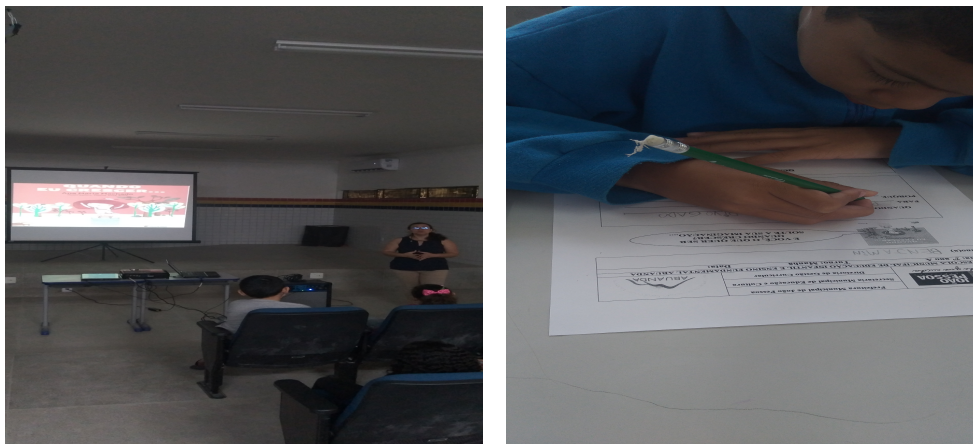
¹² Material construído por meio do link:
<https://www.youtube.com/watch?v=-G6BBxUvB14&feature=share/>



Fonte: Reis (2023)

E por fim, apresentamos o livro de Ana Maria Machado: Quando eu crescer...¹³, explorando além dos sons da nossa língua, uma perspectiva do que cada criança gostaria de ser quando estivesse adulta, exercitando assim, o ato de registrar por escrito aquilo que está em seu pensamento.

Figura 8: Leitura compartilhada e registro escrito

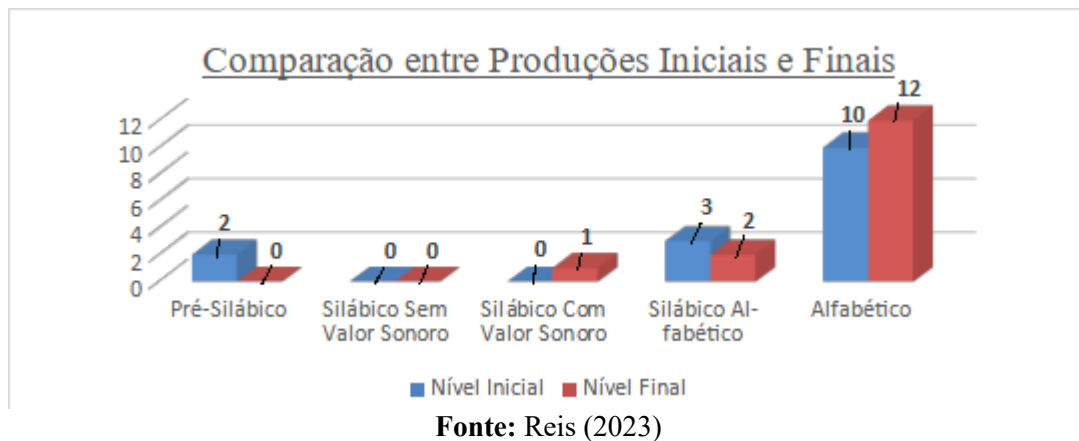


Fonte: Reis (2023)

Após a concretização dessas vivências, que houve intervenção pedagógica constante, as crianças foram convidadas a fazerem os seus registros escritos de maneira espontânea e individual. Recurso esse que nos revelou avanços em suas hipóteses de escrita, como nos revela o gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Comparação entre as produções

¹³ Material produzido a partir do link:
<https://www.youtube.com/watch?v=1ThLB9spJnM&feature=share>



De acordo com o gráfico comparativo acima, é possível confirmar que após a intervenção pedagógica motivada pelos gêneros literários que nos possibilitaram a evolução do desenvolvimento da consciência fonológica, obtivemos expressivos avanços no que se refere ao SEA, pois no diagnóstico inicial tínhamos dois estudantes com nível de escrita pré-silábica, enquanto que ao final, visualizamos essa classificação zerada, ou seja, as crianças ampliaram em suas percepções sonoras, logo, evoluíram em suas hipóteses de escrita.

É nítido que uma delas avançou e teve sua escrita classificada como silábico com valor sonoro, passando a representar uma letra para cada correspondência sonora. Momento linguístico de grande relevância. Conforme Ferreiro e Teberosky (1999, p. 209) “[...] a criança passa por um período da maior importância evolutiva: *cada letra vale por uma sílaba*. [...] Com esta hipótese, a criança dá um salto qualitativo com relação aos níveis procedentes” (grifo das autoras). Portanto, afirmamos que essa hipótese de escrita é considerada um marco significativo diante do processo de alfabetização.

Enquanto que o outro estudante, evoluiu para o nível silábico-alfabético, o que caracteriza um avanço bastante expressivo, num período curto. De acordo com Soares:

Neste nível, há um avanço *qualitativo* – a criança percebe que o som de algumas sílabas pode ser segmentado em mais de um som (mais de um fonema), e disso resulta um avanço *quantitativo* – a criança usa mais de uma letra para essas sílabas. [...] Alcançado esse nível, a criança avança, em geral rapidamente, para a capacidade de segmentar **todas** as sílabas das palavras em elementos fonêmicos intrassilábicos que representam pelas letras correspondentes - o que exige, talvez mais que nas etapas anteriores, orientação explícita das relações fonemas-letas (SOARES, 2021, p. 109-110) (grifos da autora).

Sem dúvidas, podemos confirmar que o referido nível de escrita é qualitativo, porque há uma amplitude nas percepções sonoras, e também quantitativo, pelo fato de haver um aumento de grafemas diante dos registros escritos. E referindo-nos ao processo evolutivo em curto prazo, podemos afirmar, pois no início tínhamos três crianças que possuíam essas características diante de suas escritas, e após as vivências didáticas explorando a reflexão e a manipulação dos sons da nossa língua, verificamos que dois educandos progrediram para a hipótese alfabética. Porém, é perceptível que uma delas permaneceu apresentando essas características em seus registros, e neste caso, acreditamos que isso ocorreu em virtude de algumas ausências durante a execução pedagógica.

Então, diante das duas crianças que evoluíram em suas hipóteses de escrita, finalizamos com 12 (doze) estudantes escrevendo alfabeticamente, ou seja, que dominam a consciência fonêmica, que em consonância com Soares:

[...] é o momento em que, finalmente, a criança se torna capaz de relacionar fonemas e letras e de escrever alfabeticamente, além de acrescentar regras e irregularidades ortográficas básicas para que a escrita alfabética se torne também ortográfica, nos limites das possibilidades das crianças (SOARES, 2021, p. 107).

Sendo assim, quando o estudante faz associações grafofonêmicas, torna-se possível o domínio de algumas convenções ortográficas, evidentemente de acordo com as possibilidades dos educandos, pois essas aptidões linguísticas serão aprofundadas nas etapas estudantis seguintes, como também ressalta a BNCC (BRASIL, 2018). Diante desse exposto, podemos confirmar a importância, a potencialidade e as possibilidades dos gêneros literários em prol do desenvolvimento da consciência fonológica, que por sua vez, contribui significativamente com a evolução do SEA.

6 Considerações finais

A partir das vivências didáticas realizadas e da análise dos dados coletados, é possível afirmar que o desenvolvimento da consciência fonológica desempenha um papel central no processo de aquisição do Sistema de Escrita Alfabética (SEA). Observou-se que intervenções pedagógicas intencionalmente planejadas, fundamentadas no uso de gêneros literários e de atividades lúdicas, contribuíram significativamente para a evolução das hipóteses de escrita dos estudantes, promovendo avanços tanto qualitativos quanto quantitativos no domínio da linguagem escrita.

As atividades propostas, como a leitura compartilhada de livros infantis, a exploração de poemas, cantigas e músicas, assim como dinâmicas que incentivam a manipulação de sons e fonemas, mostraram-se estratégias eficazes para estimular a percepção sonora e a reflexão metalinguística, elementos essenciais para o progresso nos níveis de consciência fonológica: lexical, silábica e fonêmica. Observou-se que, ao longo da sequência de intervenções, os estudantes ampliaram a capacidade de segmentar e associar fonemas a grafemas, consolidando progressivamente suas habilidades de escrita alfabética.

O estudo também evidenciou que a consolidação do SEA não ocorre de forma mecânica, mas por meio de um percurso pedagógico que integra aspectos cognitivos, linguísticos e sociais da aprendizagem. A mediação do professor alfabetizador, aliada ao uso de materiais atrativos e contextualizados, mostrou-se fundamental para que os estudantes avançassem em suas hipóteses de escrita, transformando práticas lúdicas em oportunidades concretas de aprendizagem significativa.

Além disso, verificou-se que a utilização de gêneros literários proporciona experiências linguísticas ricas, promovendo a ampliação do repertório vocabular e fonológico das crianças, favorecendo a percepção das unidades sonoras da língua e a construção de hipóteses de escrita mais complexas. Essa abordagem reafirma a importância de integrar literatura, brincadeiras e atividades fonológicas no ciclo de alfabetização, de forma a articular alfabetização e letramento.

Portanto, os resultados obtidos indicam que o investimento em práticas pedagógicas que estimulam a consciência fonológica constitui um caminho linguístico e pedagógico sólido para o desenvolvimento do Sistema de Escrita Alfabética. Tais práticas contribuem não apenas para o progresso técnico da escrita, mas também para a formação de leitores e escritores críticos,

autônomos e capazes de refletir sobre a língua, evidenciando que a alfabetização efetiva é fruto de um processo gradual, intencional e mediado por estratégias pedagógicas contextualizadas e significativas.

Referências

ALVES U. O que é consciência fonológica. In: **Consciência dos sons da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa**. 2.ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2012. p. 29-41.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 23 de agosto de 2025

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

REIS, G. **Consciência fonológica e o gênero autobiografia: uma sequência didática em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental**. Dissertação, Mestrado em Linguística e Ensino, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, 2023.

SOARES, M. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2021.